



© Geraldo Hoffmann

## Aldeia urbana

*Em São Paulo, 509 famílias de índios pankararu, que fugiram da seca e da miséria do Nordeste, vivem na favela Real Parque.*

TEXTO: GERALDO HOFFMANN

Cerca de 1500 índios pankararu formaram ao longo de cinco décadas uma espécie de aldeia urbana em meio à selva de concreto de São Paulo. Os primeiros integrantes da etnia chegaram à cidade nos idos de 1950 e ajudaram a construir o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista. Outros vieram naquela época para trabalhar nos canais da região.

Na década de 70, muitos fugiram da seca e da miséria do Nordeste em busca de emprego e oportunidades na cidade grande. Trocaram as ocas de suas aldeias em Pernambuco por barracos de madeira ou tijolos à vista do Real Parque, no Morumbi. Continuam vivendo

na miséria, mas com vista para um novo centro financeiro.

Dimas do Nascimento, presidente da Associação Cultural Indígena Pankararu, conta que cerca de 6500 integrantes de seu povo ainda vivem numa aldeia em Pernambuco. Junto com os que moram em Alagoas e Minas Gerais, a população pankararu chega a 18 mil pessoas no Brasil.

A migração para a capital paulista aumentou nos últimos anos devido à invasão de terras no Nordeste. “Mais ou menos 300 posseiros tomaram as nossas melhores áreas”, conta Dimas. Segundo ele, o Real Parque virou uma referência para os indígenas que chegam a São Paulo. “Muitos vêm com a idéia de que vão encontrar uma aldeia aqui. Mas logo notam que é difícil conseguir trabalho”, diz.

Com sua ONG, Dimas tenta resgatar e preservar a cultura indígena na cidade, mas também luta por melhorias, como serviços de saúde, educação, moradia e mais espaço. Com a ajuda da Funai, 57 indígenas já conseguiram vagas para estudar na elitista Pontifícia Universidade Católica (PUC).

*Crianças pankararu no Real Parque*

Uma delas é Regiane Aparecida Silva, que está prestes a se formar em Direito. “Há índios urbanos que precisam de tanto amparo quanto os das aldeias do interior”, diz. Ela conta que, enquanto os índios da Amazônia atraem toda a atenção, os do Nordeste são discriminados. Já Dimas reclama que algumas tribos do Mato Grosso e do Amazonas “se consideram mais índios do que nós. A falta de união enfraquece os povos indígenas na luta por seus direitos”.

Os pankararu do Real Parque sobrevivem do trabalho braçal, sobretudo na construção civil, da ajuda dos vizinhos e das apresentações. Na aldeia urbana, eles mantêm sua cultura através de comidas, roupas e danças típicas, como o toré, ou por meio de sessões de fumo, conhecidas por campião.

Para tentar sair da favela, eles pediram à prefeitura e ao governo do Estado um terreno onde possam construir uma aldeia de verdade. Até agora em vão. A Funai lhes ofereceu auxílio-transporte para voltarem ao Nordeste. ■

### Festa Nacional do Índio

Calcula-se que aproximadamente 370 mil índios, de cerca de 220 povos ainda vivam no Brasil (há 500 anos, eram entre 2 milhões e 4 milhões). Uma demonstração de sua diversidade cultural pode ser vista na 7ª Festa Nacional do Índio, que acontece de 19 a 23 de abril em Bertioga, no litoral paulista. Etnias de todo o país participam da festa, com danças, rituais, culinária, artesanato e atividades esportivas. O evento, que desde 2001 já atraiu mais de 300 mil pessoas, resgata as tradições desses povos e também mostra aos visitantes a realidade e as dificuldades vividas pelos indígenas.

*Veja fotos de Tatiana Cardeal sobre a festa e sobre questões sociais no Brasil: [www.flickr.com/photos/tatianacardeal/](http://www.flickr.com/photos/tatianacardeal/)*



© Tatiana Cardeal



© Geraldo Hoffmann